



Michelle embaralha a campanha no DF

Uma possível saída da ex-primeira-dama do páreo significa a perda de uma vaga no Senado, complica as alianças locais e abre uma guerra pelo espólio de seus votos entre Kicis, Ibaneis e Coelho

» LUIZ CARLOS AZEDO

A crise entre Michelle Bolsonaro e Flávio Bolsonaro (PL-RJ) deixou de ser uma briga de família para se transformar numa fratura política que pode marcar a eleição de 2026: a clivagem entre um discurso de afirmação feminina da ex-primeira-dama e a persistência da misoginia no coração do bolsonarismo. A crise familiar desorganiza a candidatura presidencial de Flávio, constrange Jair Bolsonaro a tomar partido contra a própria mulher e ainda embaralha a sucessão no Distrito Federal.

Ao se apresentar como vítima de humilhação, desrespeito e sabotagem por parte do enteado e de seus aliados, Michelle encarnou, para uma parcela do eleitorado conservador feminino, a reação contra um ambiente político dominado por homens que ainda enxergam a mulher como coadjuvante. O primogênito de Jair, por sua vez, tornou-se o rosto de um bolsonarismo incapaz de esconder sua velha herança machista justamente quando mais precisa das mulheres para chegar ao Planalto.

O estopim foi o vídeo de 27 minutos em que Michelle expôs o mal-estar com o enteado, relatou ter sido maltratada, desrespeitada e humilhada e deu dimensão pública a uma disputa que corria nos bastidores do PL havia meses. A ex-primeira-dama não falava apenas de ressentimentos domésticos. Ela encarnou uma luta por espaço dentro da direita, entre o projeto dinástico dos filhos de Jair

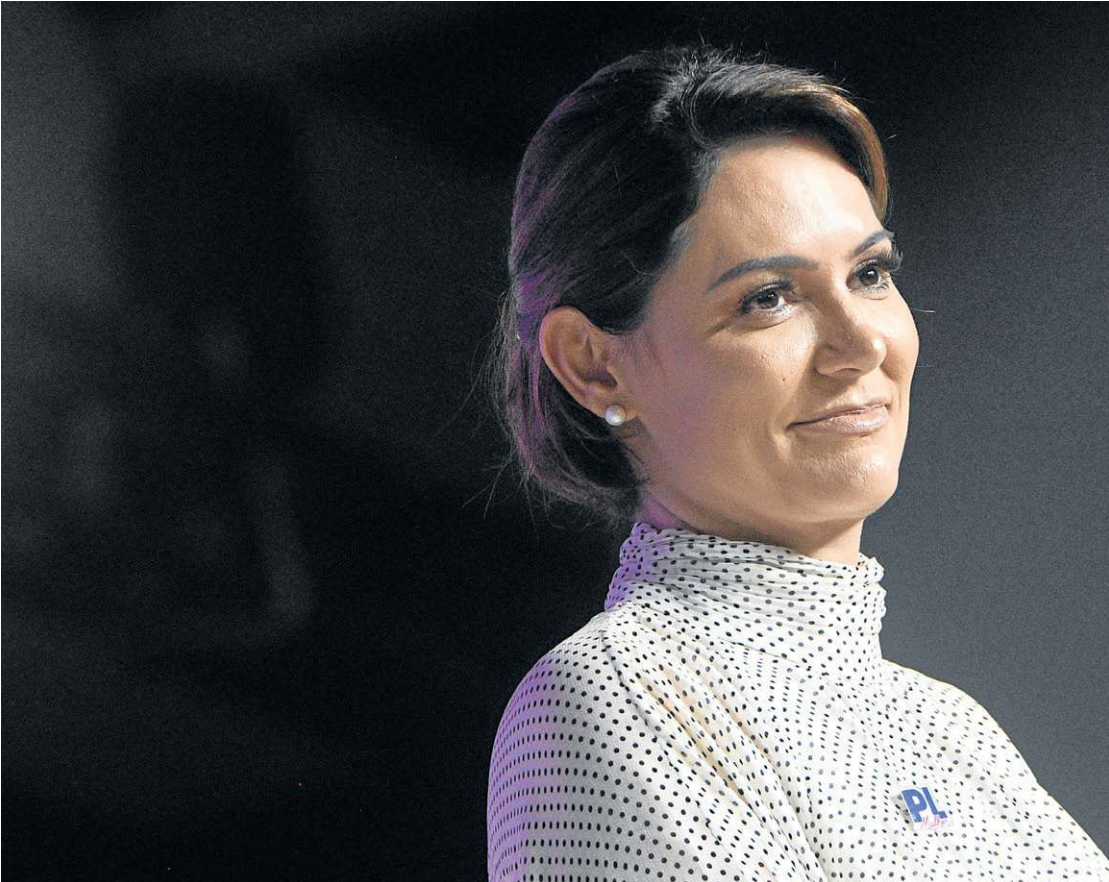
Bolsonaro e a tentativa de construir, a partir do PL Mulher, uma plataforma própria de poder, com influência sobre candidaturas femininas, evangélicas e conservadoras.

A situação se agravou quando Michelle esvaziou o ato organizado por Flávio com mulheres em Brasília — evento concebido para reduzir a rejeição do senador nesse segmento — e, na sequência, renunciou ao comando do PL Mulher, depois de fracassar uma tentativa de mediação conduzida por Valdemar Costa Neto. A renúncia foi um recado político. Ao afirmar que as mulheres precisam ocupar os espaços de decisão e poder, Michelle reposicionou a crise no terreno simbólico mais sensível da campanha.

A briga não era apenas por influência sobre o ex-chefe do Executivo ou por vagas na chapa de 2026, mas pela narrativa de quem representa as mulheres dentro do campo conservador. A esse movimento se somou a fala de Paulo Figueiredo, aliado do clã, que atacou o voto feminino com grosseria e arrogância. A demora de Flávio em repudiar o episódio consolidou a impressão de que, em torno de sua candidatura, persiste um ambiente hostil à autonomia política das mulheres.

O conflito doméstico ganhou dimensão ideológica: a ex-primeira-dama se rebelou contra a misoginia do próprio bolsonarismo. E Flávio acabou associado a isso. Foi aí que Jair Bolsonaro entrou em cena, não como árbitro, mas como patriarca. Para evitar que a candidatura de Flávio desmoronasse, o ex-presidente foi levado a fazer o que já fizera em outro

Ed Alves/CB/DA.Press



Crise familiar com o enteado desorganiza a candidatura de Flávio e constrange Jair a tomar partido

momento da vida pessoal: apoiar um filho em detrimento da mulher.

Olho nas pesquisas

Em 2000, quando ainda era deputado federal, lançou Carlos Bolsonaro para vereador do Rio justamente quando Rogéria Bolsonaro, então sua esposa, disputava a reeleição à Câmara Municipal. Carlos venceu; Rogéria foi derrotada. Agora, a lógica se repete em escala muito maior. Ao optar por Flávio como herdeiro do espólio eleitoral e não conter o cerco contra Michelle, Jair sacrifica a mulher para preservar a primazia do filho. O problema é que o custo político da escolha é muito mais alto do que no passado,

porque Michelle não é apenas a esposa do líder da extrema-direita, tornou-se um ativo eleitoral decisivo nas eleições presidenciais.

Michelle é hoje a figura mais forte do bolsonarismo junto ao eleitorado feminino e evangélico, exatamente onde Flávio mais patina. A pesquisa BTG/Nexus desta semana mostrou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com 47% das intenções de voto no segundo turno, contra 44% do senador. Entre as mulheres, a distância é bem maior: 55% a 36% a favor do petista. Em outras palavras, o grupo que deveria ajudar Flávio a romper a barreira feminina é o mesmo que está sendo repellido pela crise familiar.

A briga com Michelle implode o

esforço do senador de se diferenciar da herança misógina do pai com eventos para mulheres, pautas sociais e até gestos calculados. Michelle converteu-se numa muralha eleitoral, que mostra a incapacidade de o bolsonarismo lidar com uma liderança feminina autônoma sem recorrer ao silenciamento, ao paternalismo ou ao ataque.

Lula sai ganhando com a crise. O presidente continua competitivo no conjunto do eleitorado, mas preserva sua dianteira justamente no segmento que mais resiste a Flávio. A crise na família Bolsonaro não cria, por si só, votos para o petista; o que ela faz é impedir que o bolsonarismo reduza sua desvantagem entre as mulheres. Numa eleição polarizada, isso pode decidir a parada.

Flávio conta ainda com o núcleo duro conservador e evangélico. Mas sem Michelle como fiadora de um diálogo com o público feminino, sua candidatura corre o risco de ficar confinada ao mesmo teto eleitoral que derrotou Jair Bolsonaro em 2022.

Efeito candango

No Distrito Federal, os efeitos da crise podem ser devastadores. A ex-primeira-dama lidera a disputa ao Senado e é tratada como favorita quase incontestável. Sua eventual saída do páreo significaria, para o bolsonarismo, a perda de uma vaga praticamente assegurada e abriria uma guerra pelo espólio de seus votos entre nomes como Bia Kicis (PL), Ibaneis Rocha (MDB) e Sebastião Coelho (Novo).

Mas o impacto maior recairia sobre a governadora Celina Leão (PP). Michelle é sua principal cabo eleitoral no campo conservador, especialmente entre evangélicos e mulheres de direita. Sem ela no palanque, Celina perde densidade política, capilaridade social e poder de mobilização. O que hoje parece uma reeleição administrável pode virar uma disputa em aberto ao Palácio do Buriti. Mas Celina afirma que Michelle não vai desistir da campanha.

A eventual retirada da ex-primeira-dama muda o cenário do DF. O eleitorado conservador, hoje concentrado em torno de sua candidatura ao Senado, pulverizaria-se. Ibaneis ganharia margem para reorganizar o tabuleiro. Bia Kicis disputaria a herança bolsonarista. A esquerda, por sua vez, deixaria de enfrentar uma vaga praticamente fechada e passaria a enxergar com mais nitidez oportunidades que hoje parecem remotas. A senadora Leila do Vôlei (PDT) deixa de ser o segundo para ser o primeiro voto de uma parcela do eleitorado de Michelle. Não seria apenas uma troca de nomes, mas uma reconfiguração informal de alianças, palanques e estratégias.

Nos EUA, Flávio tenta mudar narrativa sobre tarifaço

» ARMANDO HOLANDA
» ALÍCIA BERNARDES
» FERNANDA STRICKLAND

O senador e pré-candidato ao Palácio do Planalto, Flávio Bolsonaro (PL-RJ), acompanhado por representantes do agronegócio brasileiro, participa, hoje, em Washington, de uma audiência pública promovida pelo Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos (USTR). Aliados do primogênito do ex-presidente Jair Bolsonaro sinalizaram à reportagem que esse movimento é “crucial” para mostrar a força de Flávio. A percepção no entorno do parlamentar é que ele pode se reunir com o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, antes da audiência e conseguir alguma vantagem sob o tarifaço.

Enquanto isso, o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) trabalha, segundo interlocutores sinalizaram ao **Correio**, com um cenário de incerteza sobre a decisão norte-americana prevista para o dia 15. Nos bastidores do Palácio do Planalto, a avaliação é que as negociações entram em uma fase decisiva, mas que fatores políticos passaram a pesar tanto quanto os argumentos técnicos apresentados por Brasília.

O desfecho poderá afetar setores exportadores, influenciar o rumo das negociações bilaterais e aprofundar a disputa política em torno da relação entre a família Bolsonaro e a administração de Donald Trump.

Integrantes da gestão petista afirmam que a investigação dos EUA encontra dificuldades para sustentar, do ponto de vista comercial, a aplicação de uma tarifa adicional de 25% sobre produtos brasileiros. A leitura é que, diferentemente de outros parceiros comerciais dos Estados Unidos, o Brasil mantém uma relação amplamente superavitária para os norte-americanos, o que reduziria o espaço para justificar sanções baseadas em práticas consideradas desleais.

Apesar disso, auxiliares do presidente Lula avaliam que a disputa deixou de ser apenas econômica. Na visão do Planalto, parte do governo de Donald Trump passou a tratar o caso sob uma ótica ideológica, sobretudo em razão da proximidade das eleições presidenciais brasileiras. A percepção é que diferentes alas da administração americana atuam de forma distinta: enquanto os órgãos técnicos mantêm diálogo com o governo brasileiro, setores políticos enxergam o processo como instrumento de pressão sobre o cenário eleitoral no Brasil.

Nesse contexto, a atuação do senador Flávio Bolsonaro junto às autoridades dos EUA é vista com preocupação pelo Planalto. A avaliação reservada é que a ofensiva do parlamentar acabou vinculando ainda mais a discussão comercial à disputa política brasileira. Interlocutores do governo entendem que, ao pedir o adiamento ou a suspensão das

Live com Eduardo antes do jogo do Brasil



tarifas sob o argumento de que elas poderiam fortalecer Lula, o senador assumiu também parte do risco de um eventual fracasso das negociações, caso os Estados Unidos mantinham as medidas anunciadas.

Cartada decisiva

De acordo com especialistas, a viagem de Flávio representa uma tentativa de reposicionar sua campanha e reduzir os impactos dos desgastes recentes. Na avaliação do cientista político Murilo Medeiros, da Universidade de Brasília (UnB), a estratégia busca alterar o foco do debate público

após episódios que afetaram a candidatura, como o caso *Dark Horse* e a repercussão do vídeo de Michelle Bolsonaro. Para ele, a aposta agora recai sobre temas econômicos e de política internacional.

“A viagem busca mudar o eixo da campanha. Uma tentativa de virar a página dos desgastes recentes. Depois do caso *Dark Horse* e da crise provocada pelo vídeo de Michelle Bolsonaro, a candidatura de Flávio aposta nas agendas econômica e internacional como forma de sair da defensiva”, afirmou Medeiros.

Segundo o analista, a ida a Washington também tem como

objetivo disputar espaço no discurso sobre a defesa dos interesses nacionais diante das recentes tensões comerciais entre Brasil e Estados Unidos. “É exatamente essa aposta que Flávio Bolsonaro faz ao ir até lá. Ele também tenta impedir que Lula fique sozinho no discurso da defesa da soberania nacional. Ao viajar aos EUA, procura transmitir a imagem de quem busca uma solução concreta para o tarifaço e para as discussões envolvendo o Pix”, disse.

Apesar da estratégia, Medeiros alerta que a iniciativa também aumenta a cobrança por resultados. Segundo ele, a expectativa criada pela

viagem pode se voltar contra a candidatura caso não haja avanços concretos. “O risco é a expectativa criada. Se a viagem terminar sem qualquer avanço concreto, a campanha de Lula vai colocar em xeque a liderança de Flávio junto à Casa Branca. Flávio precisa voltar ao Brasil acompanhado de algum resultado perceptível para produzir ganhos duradouros”, concluiu.

Nos bastidores, integrantes do Executivo afirmam ainda que a estratégia adotada pela oposição no relacionamento com Washington teria colocado o Brasil “na linha de tiro” da administração norte-americana desde o ano passado. A leitura é que as iniciativas voltadas para internacionalizar o embate político acabaram produzindo efeitos contrários aos esperados e ampliaram a contaminação entre a agenda comercial e a disputa eleitoral.

Ao mesmo tempo, o governo mantém a aposta na negociação técnica. Na quarta-feira passada, representantes brasileiros apresentaram ao USTR um “mapa do caminho” com medidas destinadas a reforçar garantias de que as políticas investigadas não produzem discriminação contra empresas americanas nem provocam distorções comerciais. Segundo fontes do Planalto, a proposta busca ampliar compromissos já assumidos pelo Brasil e servir de base para a continuidade das tratativas, independentemente da decisão prevista para este mês.